



Economia brasileira sente os efeitos das medidas para conter avanço da pandemia e PIB recua 1,5% no primeiro trimestre

As Figura 1 e 2 trazem os resultados do crescimento do PIB brasileiro nos últimos cinco trimestres, segundo dados das Contas Nacionais Trimestrais divulgados pelo IBGE.

No primeiro trimestre de 2020, a economia brasileira encolheu 1,5% em relação ao último trimestre de 2019, interrompendo uma sequência de quatro trimestres de crescimento e registrando o pior resultado desde o segundo trimestre de 2015 (-2,1%). Em valores correntes, o PIB brasileiro chegou a R\$ 1,803 trilhão. A queda na atividade econômica reflete os primeiros efeitos das medidas restritivas de isolamento social e de fechamento de serviços não essenciais, que começaram a ser adotadas em março, para conter avanço da pandemia.

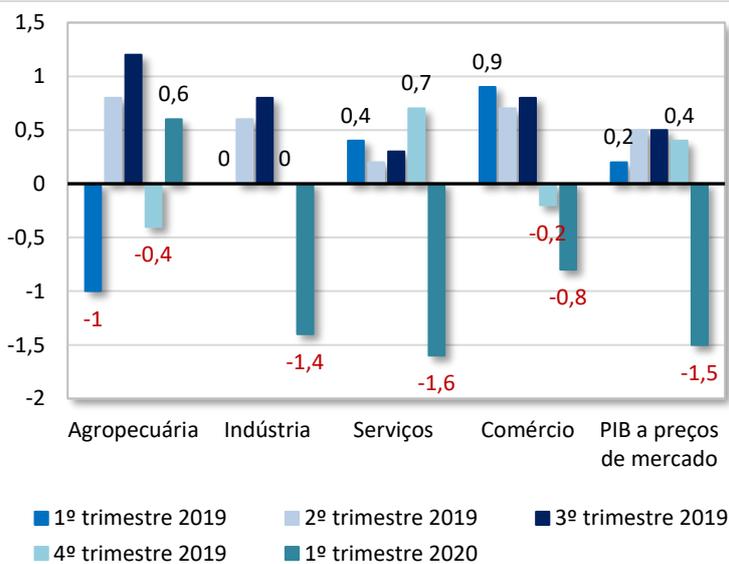
A agropecuária foi o único setor com crescimento (0,6%), impulsionada pelos bons resultados

na safra de soja. Na indústria, a queda de 1,4% na produção foi puxada pelos segmentos da *indústria extrativa* (-3,2%), *construção* (-2,4%) e *indústria de transformação* (-1,4%). O PIB do setor de serviços recuou 1,6%, com as maiores contribuições negativas dos segmentos *outros serviços* (-4,6%), *transporte, armazenagem e correio* (-2,4%), *informação e comunicação* (-1,9%) e *comércio* (-0,8%).

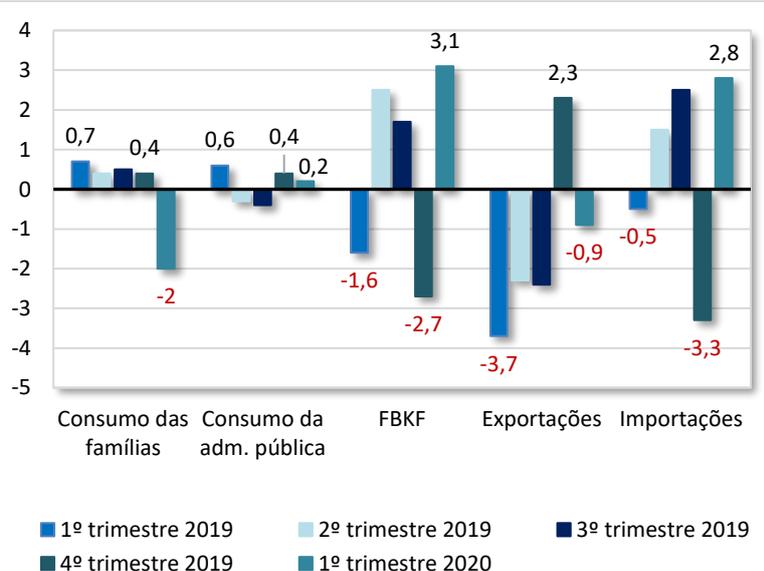
Pela ótica da demanda (gráfico à direita na Figura 1), a retração foi puxada pelo consumo das famílias com recuo de 2,0%, após sequência de doze trimestres de alta. A queda é resultado do aumento do desemprego, queda da renda, aumento do endividamento e da incerteza. Os investimentos registraram crescimento de 3,1%, impulsionados pela importação líquida de máquinas e equipamentos pelo setor de petróleo e gás. Os gastos do governo também registraram variação positiva (0,2%).

Figura 1 – PIB: Taxa trimestre contra trimestre imediatamente anterior (%)

PIB: Total, agropecuária, indústria e serviços (%)



PIB: Componentes da demanda (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.



Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Eduardo Teixeira

Em relação aos componentes do setor externo, as exportações de bens e serviços caíram 0,9% decorrente da queda na demanda internacional, sobretudo da chinesa e argentina. Já as importações cresceram 2,8% frente ao quarto trimestre de 2019.

Na comparação com o primeiro trimestre de 2019, a economia brasileira encolheu 0,3% (Figura 2). Nessa base de comparação, houve crescimento apenas do PIB da agropecuária (1,9%), sendo puxada pelo bom desempenho de alguns produtos da lavoura, como a soja, além do aumento da produtividade.

A indústria apresentou variação negativa de 0,1%. A atividade de *eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos* registrou a maior queda (-1,8%), influenciada pelos efeitos da pandemia e pelo verão mais ameno. A construção recuou 1,0%, com queda no emprego e na fabricação dos seus insumos típicos.

A *indústria de transformação* apresentou queda (-0,8%), sendo influenciada pelo fraco de-

sempenho da *indústria automobilística, confecção de artigos de vestuário, além da fabricação de outros equipamentos de transporte*. Já, as *indústrias extrativas* assinalaram alta de 4,8%, refletindo o desempenho do petróleo e gás.

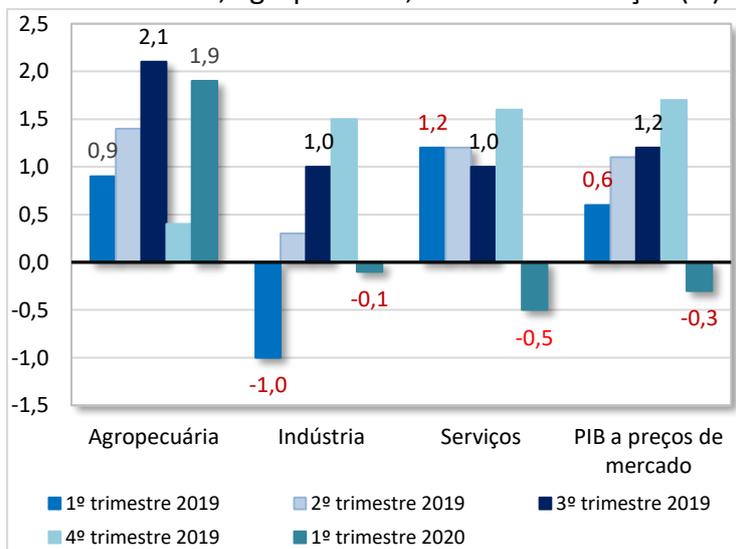
O PIB do setor de serviços recuou 0,5%, com destaque para os segmentos de *outras atividades de serviços* (-3,4%).

Dentre os componentes da demanda, o consumo das famílias caiu 0,7% no primeiro trimestre de 2020 na comparação interanual, enquanto os investimentos cresceram 4,3%, favorecidos pela importação de máquinas e equipamentos, sobretudo na atividade de petróleo e gás. Os gastos públicos permaneceram estáveis.

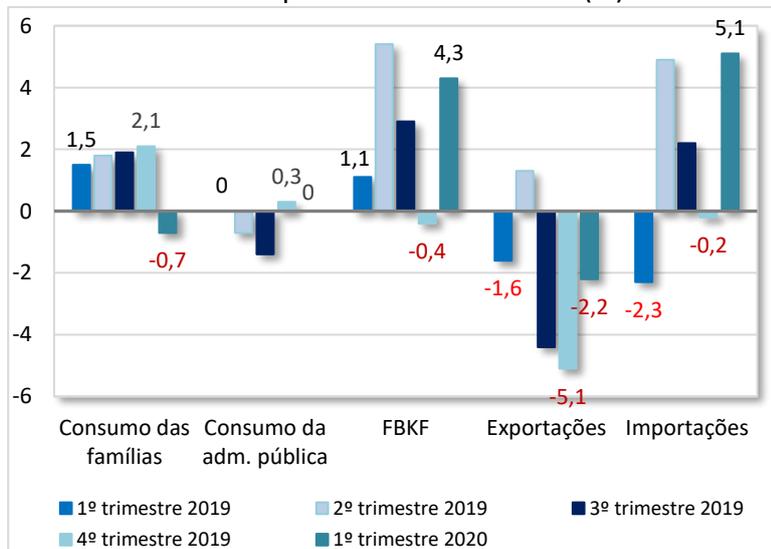
As exportações tiveram retração de 2,2%, com as principais contribuições negativas vindas de máquinas e equipamentos, extração de minerais metálicos e veículos automotores. Por outro lado, as importações tiveram alta de 5,1%, com destaque para compra de máquinas e equipamentos, além de metalurgia e aparelhos elétricos.

Figura 2 – PIB do Brasil: Taxa trimestral (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)

PIB: Total, agropecuária, indústria e serviços (%)



PIB: componentes da demanda (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.



Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Eduardo Teixeira

Mercado de Trabalho: Aumento do desemprego e queda recorde na ocupação

A Figura 3 mostra que a taxa de desemprego chegou a 12,6% no trimestre móvel encerrado em abril, o que corresponde a 12,8 milhões de desempregados. O resultado representa uma alta de 1,3 p.p. frente ao trimestre anterior e um acréscimo de 898 mil pessoas à procura de emprego. Na comparação com o mesmo trimestre móvel do ano anterior, houve estabilidade.

A Figura 4 retrata evolução da população ocupada. Segundo o IBGE, o contingente de ocupados registrou queda recorde de 5,2% na comparação com o trimestre anterior, o que corresponde a perda de 4,9 milhões de postos de trabalho. Desse volume, 3,7 milhões foram de trabalhadores informais. Ainda segundo o IBGE, a queda na ocupação foi generalizada, atingindo sete dos dez

grupos de atividades pesquisados, sendo as maiores perdas no comércio (1,2 milhão de pessoas), na construção (885 mil pessoas) e nos serviços domésticos (727 mil pessoas).

Na comparação com o mesmo trimestre de 2019, a população ocupada também registrou variação negativa recorde (-3,4%). As maiores quedas ocorreram nas categorias de *trabalhadores domésticos* (-10,1%) e *empregados sem carteira* (-9,7%). *Empregador* (-4,1%), *empregados com carteira assinada* (-2,8%) e *trabalhadores por conta própria* (-2,1%) também apresentaram queda. Houve crescimento apenas no contingente de *empregados no setor público* (3,9%).

Figura 3 – Taxa de Desocupação (%)

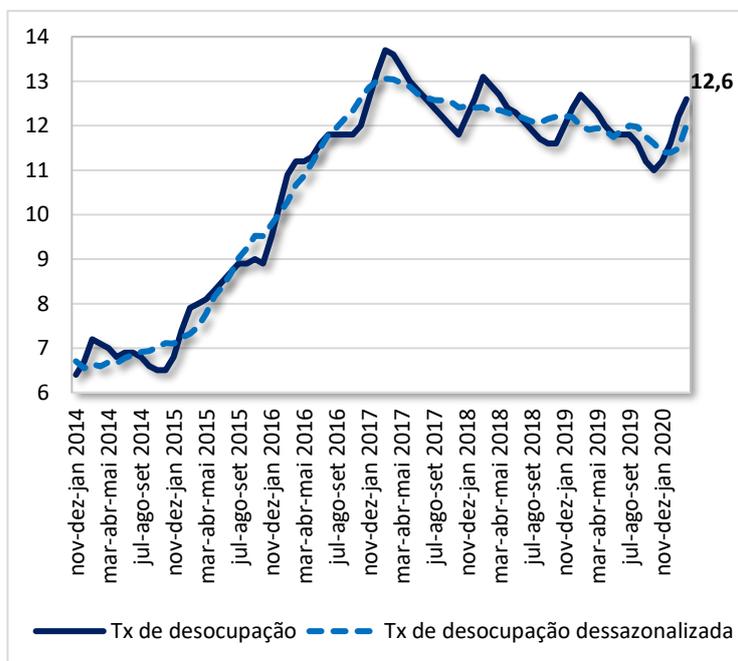
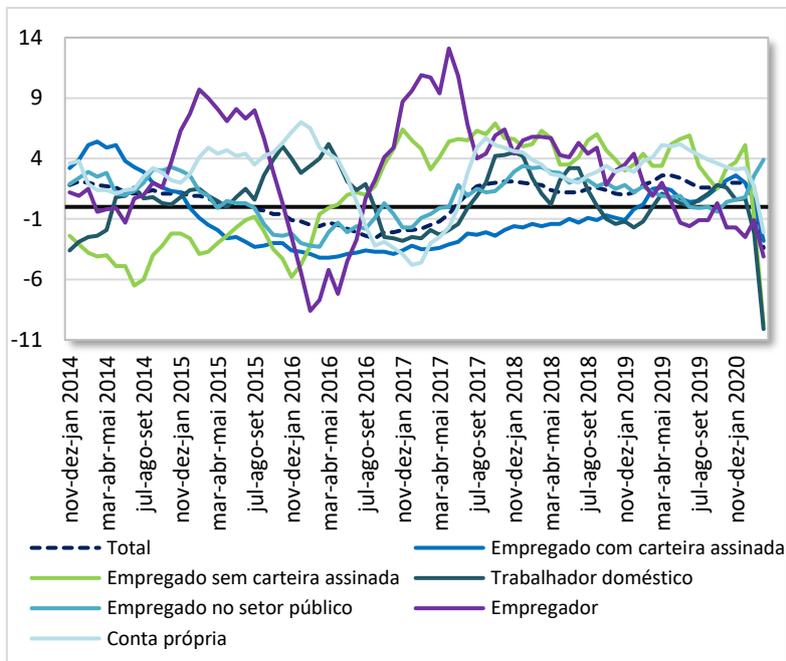


Figura 4 Pessoas Ocupadas por Posição na Ocupação (Var. % em relação ao trim. móvel do ano anterior)



Fonte: IBGE/ PNAD Contínua. Período: Trim. móveis: nov-dez-jan 2014 a fev-mar-abr 2020.



Índices de confiança tem forte queda e atingem patamares históricos

Como consequência da crise, a queda da confiança foi expressiva em todos os setores (Figura 5), atingindo quedas históricas em Abr./20. Em Mai./20, todos os índices apresentaram leve recuperação. O índice de confiança do consumidor caiu de 80,2 em Mar./20 para 58,2 em Abr./20, indo para 62,1 pontos em Mai./20.

Na indústria, o índice de confiança caiu 39,3 pontos, a maior queda mensal, alcançando 58,2 pontos em Abr./20. Na passagem para Mai./20, a confiança avançou para 61,4 pontos. Houve forte deterioração da confiança dos empresários em relação à situação atual e, apesar da leve recuperação em maio, o alto nível de pessimismo e incerteza podem prejudicar a recuperação da confiança. O nível de utilização da capacidade instalada da indústria atingiu 57,3% em abril e 60,3% em maio, patamares abaixo dos registrados nos mesmos meses de 2019.

O índice de confiança dos serviços recuou 31,7 pontos em abril, chegando em 51,1 pontos.

Nota-se que o índice já estava em queda desde o mês anterior. Esta queda reflete o enfraquecimento da demanda e deterioração do mercado de trabalho. Em maio, o índice atingiu 60,5. O nível de utilização da capacidade instalada do setor de serviços também apresentou queda, atingindo 78,2% em Mai./20.

A confiança no comércio atingiu 61,2 pontos em Abr./20 e 67,4 em Mai./20. Segundo a FGV, não é possível observar cenário de recuperação consistente neste setor dada a grande cautela por parte dos consumidores, com direcionamento da demanda para itens essenciais.

Por fim, o índice de confiança da construção civil recuou 25,8 pontos em abril, atingindo 65 pontos em Abr./20 e 68 em Mai./20. Segundo a FGV, o pessimismo dos empresários do setor em abril foi maior do que em na crise de 2014-2016. O nível de utilização da capacidade instalada no setor também sofreu forte queda, atingindo 57,6% em abril e 61,7% em maio.

Figura 5 – Índices de Confiança: consumidor, comércio, indústria, construção e serviços (pontos)

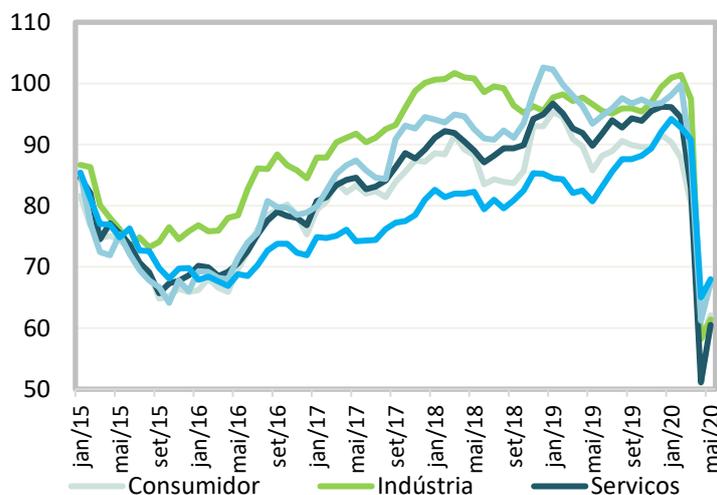
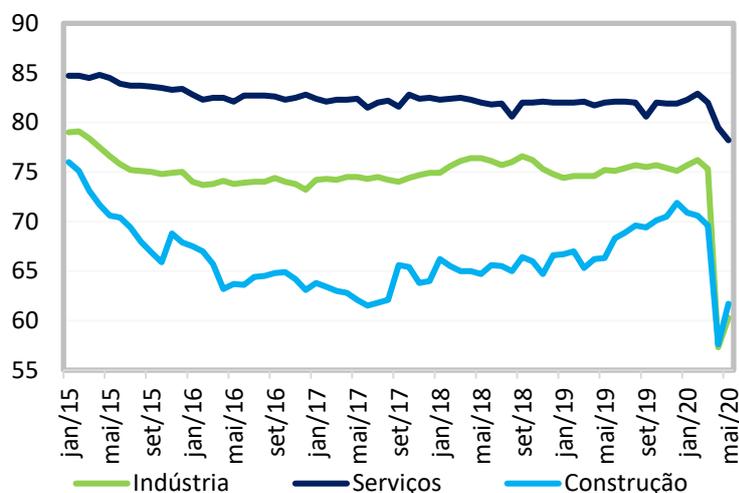


Figura 6 – Utilização da Capacidade Instalada (%)



Fonte: IBRE/FGV. Período: Jan./2015 a Mai./2020.



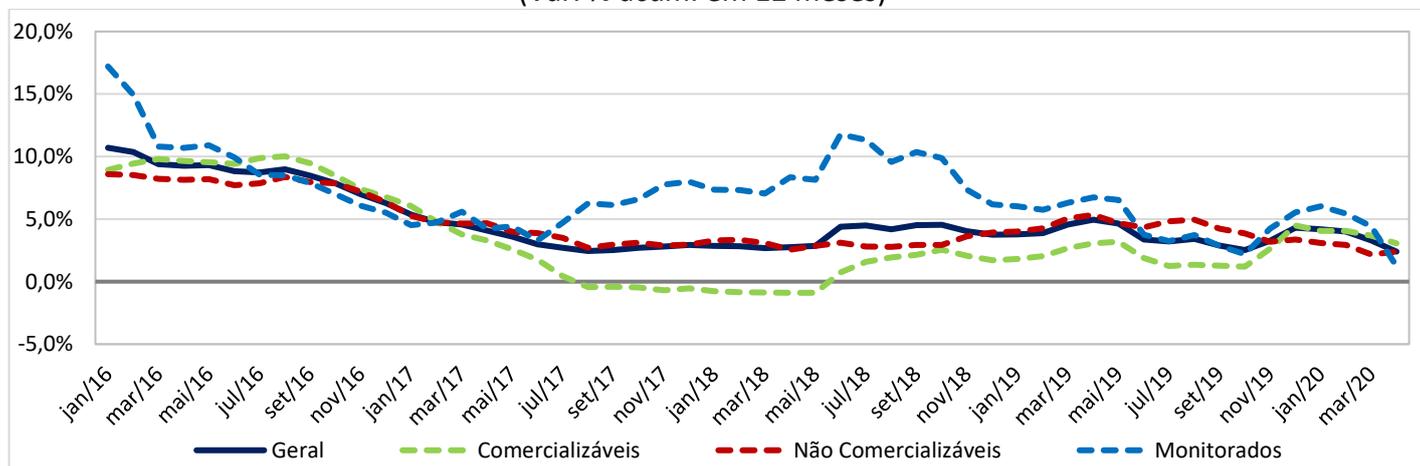
Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Eduardo Teixeira

Queda da atividade econômica é acompanhada de baixa inflação

A Figura 7 retrata a evolução da inflação acumulada em 12 meses, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Nos últimos doze meses até Abr./20, a taxa de inflação acumulou alta de 2,4%, abaixo da taxa de 3,3% registrada nos doze meses imediatamente anteriores.

A variação do IPCA de comercializáveis atingiu 3,1% em 12 meses, enquanto a inflação de não-comercializáveis foi de 2,4. O IPCA dos monitorados foi de 1,2% em Abr./20, no acumulado de 12 meses. Na variação mensal foi registrada a maior deflação desde o início da série dos preços monitorados (-2,05%).

Figura 7 – IPCA geral, comercializáveis, não comercializáveis e monitorados
(Var. % acum. em 12 meses)



Fonte: BCB. Período: Jan./2014 a Abr./2020.

A Tabela 1 traz os resultados das variações mensal e acumulada no ano do IPCA para os nove grupos de produtos e serviços que compõem o índice. As duas últimas colunas apresentam o peso mensal de cada item na inflação.

Em Abr./20, o IPCA registrou deflação de 0,31%, a menor variação mensal desde agosto de 1998 (-0,51%). Houve deflação em seis dos nove grupos que compõem o índice, com maior queda na categoria *transportes*. O resultado foi puxado pelo recuo de 9,59% nos preços dos combustíveis, com destaque para a redução na gasolina (-9,3).

A maior contribuição positiva veio da categoria *alimentação e bebidas* (1,8%), com alimentação no domicílio acelerando de 1,4% em março

para 2,2% em abril, puxada pelos preços da cebola (34,8%), batata-inglesa (22,8%), feijão-carioca (17,3%) e leite longa vida (9,6%). A alimentação fora do domicílio também teve aumento em abril (0,7%), influenciada pela alta do lanche (3,1%).

No ano, o IPCA acumulou alta de 0,22%, puxada pelos itens *educação* (4,47%) e *alimentação e bebidas* (3,45%). Dentre as contribuições negativas, destaque para *transportes* (-3,44%) e *artigos de residência* (-2,58%). O grupo *vestuário* também apresentou deflação (-0,90%).

**Tabela 1 – IPCA por grupamentos**

Var. mensal (%), Var. acum. no ano (%) e peso mensal (%)

Geral, grupo, subgrupo, item e subitem	Variação mensal (%)		Variação acumulada no ano (%)		Peso mensal (%)	
	março 2020	abril 2020	março 2020	abril 2020	março 2020	abril 2020
Índice geral	0,07	-0,31	0,53	0,22	100	100
1.Alimentação e bebidas	1,13	1,79	1,63	3,45	19,35	19,56
2.Habitação	0,13	-0,10	0,28	0,18	15,55	15,55
3.Artigos de residência	-1,08	-1,37	-1,23	-2,58	3,73	3,69
4.Vestuário	0,21	0,10	-1,00	-0,90	4,50	4,51
5.Transportes	-0,90	-2,66	-0,80	-3,44	20,53	20,33
6.Saúde e cuidados pessoais	0,21	-0,22	0,62	0,39	13,52	13,54
7.Despesas pessoais	-0,23	-0,14	0,43	0,29	10,75	10,72
8.Educação	0,59	0,00	4,47	4,47	6,36	6,39
9.Comunicação	0,04	-0,20	0,36	0,16	5,71	5,71

Fonte: SIDRA/IBGE.

Conclusões

Os dados apresentados revelam efeitos iniciais das medidas restritivas de distanciamento social e fechamento de estabelecimentos voltados para serviços não essenciais implementadas para conter o avanço da pandemia. A expectativa é que o efeito seja ainda mais severo no segundo trimestre, com uma desaceleração mais acentuada da atividade entre os meses de abril e junho. Na atualização do dia 29/05, o boletim Focus apontava retração no PIB de 6,25% em 2020, 16º retração na projeção.

Com a queda na atividade econômica, a inflação recuou em abril, com forte impacto da queda nos preços dos combustíveis após recuo nos preços do petróleo e na demanda interna. Embora haja expectativas um pouco mais otimistas para o segundo semestre, o cenário ainda é muito incerto e dependerá do processo de reabertura da economia e de como o mercado de trabalho e a confiança responderão a isso.